

DESIGN E IDENTIDADE: POR UMA CASA ACOLHEDORA

*Mariuze Dunajski Mendes*¹

*Marlise de Lourdes Cantú Oliveira Santos*²

Resumo: Tem este artigo por objetivo fazer uma reflexão sobre as identidades e a casa, e analisar quando o mobiliário assume valores além da forma e função. O designer, para refletir a identidade do cliente em seu projeto, incorpora, além dos aspectos técnicos, a discussão sobre fatores culturais, sociais, históricos e psicológicos, que definem os estilos de vida e influenciam as decisões de aquisição dos artefatos. Apontar possibilidades para o designer repensar seu papel neste contexto, podendo assim, contribuir para a não massificação da casa e para com o respeito às identidades. Identificar o que é essencial para cada cliente e apontar possibilidades para criar soluções que imprimam personalidade a casa e a tornem acolhedora.

Palavras-chave: identidade, design de interiores, mobiliário, estilo de vida.

Abstract: This paper aims at studying a reflection about the identity of the house and when the furniture takes on values beyond shape and function. Aboard cultural, social, personal and psychological factors that influences over the settlements of acquisition and try to discuss what the designer needs to reach the customer's identity in the project. Point out possibilities for designer think over his role in this context, so he will contribute to a non standardization of the house and respecting identities. Identifying what is essential in a house for each customer and point possibilities to create solutions to printout personality into the house to make it more pleasant to stay in.

Keywords: identity, interior design, furniture, lifestyle.

¹ Mestra em Tecnologia pela UTFPR. Formada em Artes Plásticas, especialista em educação pela PUC-PR. Professora do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da UTFPR. *mariuzem@yahoo.com.br*.

² Especialista em Sistemas de Informação pela FAE-CDE. cursando Especialização em Design de Interiores na UTFPR. Formada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Palmas-PR. *marliscantu@uol.com.br*.

DESIGN E IDENTIDADE: por uma casa acolhedora

Vendo aquelas casas, aquelas igrejas, de surpresa em surpresa, a gente como que se encontra, fica contente, feliz, e se lembra de coisas esquecidas, de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós.

Lúcio Costa

1. INTRODUÇÃO

Tendências globais e novas tecnologias influenciam o design de interiores, seduzindo o consumidor à troca de mobiliário com maior frequência. Mesmo com tanto apelo de consumo, nota-se que as pessoas sentem-se melhor em um ambiente que lhes seja familiar, que lhes remeta, de alguma forma, às suas raízes. É esse sentimento que as faz querer voltar para casa. Não viver do passado, mas com ele, com o que ele ajudou a construir o que se é hoje. Uma casa tem uma identidade, ela conta a história de seus moradores. Saber de onde veio cada móvel, cada objeto, traz sensação de aconchego e segurança.

O objeto de estudo deste artigo é uma reflexão sobre a busca pela identidade da casa e o conjunto de fatores que envolvem subjetivamente essa busca, assumindo o mobiliário, valores além da forma e função. Pensar qual a importância e o significado do mobiliário na casa, como ele identifica usos e costumes de seus moradores tornando uma casa acolhedora, significa considerar fatores culturais, sociais, pessoais e psicológicos que influenciam nas aquisições dos indivíduos. Esses fatores serão abordados, para podermos compreender as motivações individuais, conhecer e entender os valores atribuídos pelos indivíduos e tentar discutir sobre a importância para o designer contemplar a identidade do cliente em seu projeto. Buscaremos refletir sobre a formação e a transformação da família brasileira nos seus aspectos sociais e comportamentais, procurando associar suas mudanças às transformações ocorridas nos espaços de morar.

Faremos uma análise do que é essencial em uma casa e como torná-la acolhedora, apontando possibilidades para o designer repensar seu papel neste contexto, podendo assim, contribuir para a não massificação da casa e para com o respeito às identidades e algumas soluções que imprimem personalidade à casa.

2. AS IDENTIDADES E A CASA

2.1 CASA E LAR

Segundo Miguel (2002), cabanas, domus, castelos, villas, palazzos, são denominações históricas do espaço unifamiliar. São representativas da arquitetura mais elementar, mais próxima e utilizável pelo ser humano, considerada a sua real terceira pele, logo após a epiderme e a roupa que o protege do meio ambiente onde vive. “Casa. (do lat. Casa) s.f. 1. Edifício de um ou poucos andares, destinado, geralmente, à habitação; 2. moradia, vivenda, residência, habitação. 3. Lar; família (...)” (HOLLANDA, p. 362).

Segundo Veríssimo e Bittar:

Ao falarmos da casa, uma série de imagens, códigos, reminiscências, invade nossa imaginação. É a casa da avó, da nossa infância, de brinquedos, a cabana, o casebre? É o abrigo? O ninho? O repouso do guerreiro? O local de trabalho? O recanto dos encontros e reencontros? A personalização e identificação fechada de um universo? Simplesmente a máquina de morar preconizada pelos modernistas? Um símbolo de status ou de refinamento? Uma brincadeira formalista? De tudo um pouco, a casa é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora. (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999, p. 20).

A casa apresenta-se como um espaço/forma que busca estar adequada e ser resposta ao modo de vida de seus moradores. A configuração casa representa um invólucro delimitador entre o público e o privado, pois nos conduz a um interior, representando a necessidade de estarmos situados. A casa relaciona-se intimamente com as pessoas, pois sua configuração é dependente da situação e do modo de vida de seu habitante e quando este lhe infunde seu hálito vital e a transforma em algo próprio e pessoal, ela pode assumir uma dimensão simbólica. Eis aqui o princípio e a própria essência da casa. A casa pode ser vista como um microcosmo privado sempre em confronto com um setor público, seja ele uma aldeia ou metrópole. É ela quem dá ao homem seu sítio sobre a terra. Os seus moradores podem fazer dela um lar.

A palavra lar é uma corruptela de lareira. A lareira primitiva que faz do seu fogo o elemento inseparável da cabana rústica. O lar é a vivência familiar dentro da casa, o aquecimento ou a frialdade; o ruído ou o silêncio, a calma ou a tempestade emotiva, o equilíbrio ou a desarmonia, o clima espiritual que ecoa nos ambientes concretos da casa (MIGUEL, 2002).

O lar é a concepção onde está presente o elemento fundamental da formação do caráter e da personalidade, aceitando-se que as recordações recônditas da vida em família prendam-se ao ambiente em que se vive. O lar não é mais uma questão pública.

Na idade média famílias inteiras dormiam em um mesmo quarto, não por falta de espaço, mas porque essa privacidade não era para a época, uma necessidade – “A vida era uma questão pública, e assim como as pessoas não tinham uma forte consciência de si, elas também não tinham um quarto próprio” (RYBCZYNSKI, 2002, P.48).

Segundo Rybczynski (2002), antes que a consciência humana entendesse a casa como o centro da vida familiar, precisava-se da sensação de privacidade e de intimidade que não eram possíveis no salão medieval do século XVI, quando a casa de cidade típica do burguês servia como moradia e local de trabalho. A parte para morar não tinha diversos quartos, mas um único cômodo, o salão. As pessoas cozinhavam, comiam, se entretinham e dormiam nesse espaço. Não havia senso de intimidade e privacidade.

Foi nas modestas moradias burguesas do século XVII, que a vida familiar começou a tomar uma dimensão privada. Os fornos não só tornaram a casa mais confortável, como elas agora podiam ser subdivididas em cômodos. O marido e a esposa começaram a se ver como casal (idem).

O senso de intimidade doméstica que estava surgindo foi uma invenção humana, assim como qualquer implemento tecnológico (idem).

O autor, se referindo aos holandeses, muito apropriadamente nos dá o sentido de lar:

Os holandeses amavam suas casas. Compartilhavam a antiga palavra anglo-saxã – ham, hejm, em holandês – com outros povos da Europa setentrional. A palavra home (lar) reuniu significados de casa e família, de moradia e abrigo, de propriedade e afeição. Home significava a casa, mas também tudo que estivesse dentro ou em torno dela, assim como as pessoas e a sensação de satisfação e contentamento que emanava de tudo isto. Podia-se sair da casa, mas sempre se retornava ao lar (2002, p.73).

Em suas análises, o autor aponta que “a domesticidade é um conjunto de emoções sentidas, e não um único atributo. Ela está relacionada à família, à intimidade, à devoção ao lar, assim como a uma sensação da casa como incorporadora - e não somente abrigo - destes sentimentos” (op. cit, p.85).

Segundo Veríssimo e Bittar, “a produção do espaço arquitetônico de morar é interpretada como resultado de um processo criativo, conduzido pelas necessidades sociais e culturais”. (1999, p. 9). A casa não é um frio sólido que envolve o homem. A casa é vivida pelo homem; adquire valores humanos. Esse objeto geométrico se transforma em humano, assim que entendemos a casa como um espaço de conforto e intimidade.

Nossas velhas casas perdidas no tempo vivem em nós, dizem os poetas. E o sonho traz a casa perdida na noite do tempo e a reconstrói em nossas lembranças. Parece que nos envolve, ligando-nos intimamente a ela (idem, p. 14).

A casa passa a ser referenciada como espaço de morar, com suas nuances físicas e subjetivas. A casa se funde em moradia e lar, os espaços de viver ganham vida e significados próprios.

Nesta pesquisa encontramos a necessidade de abordar outros conhecimentos ligados à construção da história de uma pessoa e, por conseqüência, de sua identidade e da identidade de sua casa. Procuramos uma resposta ao porquê de uma pessoa preferir adquirir determinado móvel a outro. Preferir determinado estilo a outro para seu mobiliário.

Veríssimo e Bittar colocam muito bem a necessidade de abordarmos alguns temas em nossa busca.

Em muitas ocasiões, para a compreensão da arquitetura temos que nos valer de outros conhecimentos, acessórios como a estética, a antropologia cultural, a sociologia, a história, sem a pretensão de dominar todas as áreas, mas utilizando-as como ferramentas essenciais (1999, p.14).

Há alguns fatores que podemos apontar como influenciando o comportamento do indivíduo em suas aquisições. São fatores vinculados à formação da identidade a partir de trocas e vivências sociais, permeadas por aspectos psicológicos individuais e pela cultura.

Para abordar o tema das identidades da casa, partimos de uma reflexão sobre os conceitos de cultura, identidade e estilo de vida.

2.2 CULTURA

O conceito de cultura “denota um padrão de significados transmitido historicamente incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e sua atividade em relação à vida” (GEERTZ, 1989, p.66).

Geertz pontua a interdependência entre cultura e o homem:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 1989, p.4).

Assim sendo, para o autor, a cultura é um entrelaçamento de signos interpretáveis, e não apenas fatos sociais, comportamentos, instituições ou processos isolados, mas um contexto no qual podemos descrever todo este conjunto com densidade (GEERTZ, 1989, p.66).

Para Canclini (1983), a cultura além de representar as relações sociais de produção, contribui para a reprodução, transformação e para a criação de novas relações e significados, reelaborando também as estruturas sociais.

Para este autor, a cultura é entendida como um processo social de produção de significados (idéias, valores, crenças), capazes de manter ou transformar aspectos das nossas maneiras de viver. Ainda dentro do tema cultura, os artefatos estão como fenômenos culturais.

Santos cita que as práticas sociais podem produzir, sustentar e transformar os artefatos, bem como estes podem ser sustentados, condicionados ou transformados pelas práticas sociais. (2005, p. 16).

A preferência por determinados artefatos traz identificação com as práticas e costumes de quem os usa. Para entender os artefatos desta forma é preciso admitir que existem valores culturalmente instituídos e compartilhados na materialidade dos produtos que o ser humano produz e utiliza em seu cotidiano. Estes valores são construídos socialmente e mediam o relacionamento entre as pessoas. Ao apropriar-nos de um artefato, também estamos nos apropriando dos modos de prática e dos significados a ele associados.

2.3 IDENTIDADES

As identidades tanto podem estar ligadas a fatores sociais, de pertencimento

a uma cultura, grupo, classe ou nação, como tende a ter um movimento contraditório e dinâmico de individualização, pelo qual as pessoas querem se diferenciar da “massa”, serem únicos.

Segundo Hall (2003) são as identidades múltiplas - muitas vezes em uma mesma pessoa, assumindo em tempos e espaços distintos a identidade: racial; profissional; de pai/mãe; de esportista; de um grupo político, ... - que demonstram que todo indivíduo é múltiplo, fragmentado e complexo.

“As identidades abrangem múltiplas dimensões, na interação de muitas áreas do conhecimento para seus estudos, sendo uma relação viva, que envolve aproximações, conflitos, hibridações e transformações” (MENDES, 2005, p.43). Torna-se um conceito “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL, 2002, p.8).

A identidade cultural é uma percepção que passa pelo reconhecimento de si mesmo e de si no outro. “O eu só afirma-se como eu, quando sai de si próprio e projeta-se no outro, ou seja, a identidade passa pela diferença” (KISTMANN, 1995, p.97) e pelas semelhanças.

Para Castells, citado por Kistmann, “as identidades podem originar-se de instituições dominantes, mas somente se os atores sociais a internalizam e constroem o seu significado ao redor desta internalização” (2001, p. 45).

Esta noção de pertencimento a um determinado grupo, nação, etnia, religião, entre outras, muitas vezes parte de um conceito de uma tradição inventada (Hobsbawm), que busca laços de identificação comunitária e diferenciação de outros grupos.

Nestas relações as identidades podem ser reforçadas, como forma de resistência e luta contra o processo de globalização e a hegemonia, fortalecendo ou formando novas identidades locais (étnicas, raciais, de classe...), ou, como estratégias para encobrir a diversidade, num discurso homogeneizador, favorecendo a manipulação e dominação (identidade nacional, regional, inventada...).

As identidades definem maneiras de viver, que por afinidades ou distanciamentos, determinam estilos de vida.

2.4 ESTILOS DE VIDA

Os estudos sobre os Estilos de Vida tiveram sua origem na Sociologia. Segundo Charon, citado por Finotti (2004), sociologicamente, o estilo de vida é, com frequência, estudado em relação a características sociais e aos efeitos dos padrões de estilo de vida sobre a as pessoas.

O autor cita o conceito do Dicionário de Sociologia, coordenado por Rui Leandro Maia.

(...) Os estilos de vida prendem-se com práticas quotidianas e formas de consumo que envolvem escolhas particulares e identitárias em domínios tão díspares como a habitação, a alimentação, os usos do corpo, o vestuário, a aparência, os hábitos de

trabalho, o lazer, a religião, a arte, a organização do espaço e do tempo ou o convívio com os outros atores sociais. Distintos e distintivos, com homologias ou correspondências significativas a ligar as suas diversas componentes, os estilos de vida tendem a configurar-se de forma coerente (Bourdieu) e a exprimir as identidades pessoais e coletivas (Giddens) (FINOTTI, 2004, p.16).

Para Pierre Bourdieu, as diferentes condições sociais correspondem a diferentes Estilos de Vida, num sistema global marcado por proximidades e distâncias, afinidades e distinções, gostos e desgostos, tensões e conflitos. As práticas delimitam o espaço social (apud FINOTTI, 2004, p.17).

Anthony Giddens coloca que na modernidade avançada “não há outra escolha senão escolher”. Escolhas que tendem a cristalizar-se em estilos de vida próprios dos segmentos sociais. As práticas diárias criadas pelas atividades e opções dos indivíduos fazem parte da construção das identidades pessoais. Evidencia a influência do grupo na composição do Estilo de Vida, relacionando a identidade pessoal com uma identidade social (idem, p.18).

Simmel defende que para compensar o aumento da impessoalidade das sociedades modernas, os indivíduos tendem a buscar sua individualidade, subjetividade, o que é possibilitado pelas opções de escolha a eles oferecidas. Essa necessidade de individualização, juntamente com o grande número de opções são a origem dos diferentes estilos de vida (2004, p.18).

Propondo uma síntese de toda essa evolução sociológica do conceito de Estilo de Vida, para Finotti:

(...) pode-se dizer que estes são resultantes da escolha / gosto pessoal de cada indivíduo, limitados pelas possibilidades de vida e influenciados pelo grupo social no qual o indivíduo está inserido. Os estilos de vida são evidenciados e podem ser observados através das atividades diárias, das atitudes, dos valores e dos comportamentos do indivíduo (2004, p.20).

Kotler discorre sobre o tema. Sua definição de Estilo de Vida está diretamente ligada não somente à classe social a qual pertence o indivíduo, mas também à sua personalidade:

Estilo de Vida da pessoa é o padrão de vida expresso em suas atividades, interesses e opiniões. O estilo de vida reflete a “pessoa por inteiro”, interagindo com o seu ambiente. Ele retrata algo que está além da classe social da pessoa, por um lado, ou de sua personalidade, de outro. (...) As pessoas advindas da mesma cultura, classe social e mesma ocupação podem ter estilos de vida completamente diferentes. (...) O estilo de vida tenta traçar o perfil do modo de ser e agir de uma pessoa no mundo (1989, p.215).

Um dos fatores que determinam esta maneira de ser e estar no mundo é a história da família. Esta trajetória nos traz a lembrança e apego a determinados objetos que estão carregados de significados. Para Linton, citado por Kistmann, “um valor se distingue de uma coisa porque possui um conteúdo, um significado,

enquanto a coisa possui apenas conteúdo (...) Pelo significado, o valor sugere outros objetos com os quais foi associado no passado”. Assim, o valor está impregnado de história e quem determina o significado e, em consequência, o caráter de valor é o próprio indivíduo ou a coletividade (2001, p. 10).

Estes valores individuais e coletivos que estão ligados à cultura e transitam entre a tradição, ligada aos costumes; e a modernidade, com apelos de inovação e mudanças constantes. Tentaremos sucintamente abordar estes temas para facilitar a compreensão da valorização das identidades e tradições diante do fragmentário mundo moderno, mergulhado em uma lógica capitalista do consumo.

2.5 TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Falar em modernidade aponta para as tensões que a caracterizam e as relações com o capitalismo. Segundo Berman, “[...] ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição [...] é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido se desmancha no ar’” (1986, p.26). A modernidade é multifacetada, contraditória e descontínua.

O moderno, para Habermas (1990), se constitui em uma nova temporalidade, sendo um projeto não concluído, inacabado, e, portanto, com um grande potencial de desenvolvimento dentro de si mesma. Representa uma pluralidade de tempos e de possibilidades. Não podemos pensá-la “como um quadro único, mas com perspectivas pluralistas, que possam abranger a fragmentação e a interação entre o tradicional e o moderno” (QUELUZ e QUELUZ, 2000, p.64), entre as diversas culturas em conflito, frente às novas tecnologias de produção, gerando novas relações simbólicas.

Assim, falar em modernidade, como cita Le Goff, significa pensá-la como algo inacabado, em dúvida e sujeito a críticas. Modernidade e tradição estão muito próximas, ligadas pela memória e história, uma vez que:

O “moderno”, à beira do abismo do presente, volta-se para o passado. Se por um lado recusa o antigo, tende a refugiar-se na história. Modernidade e moda retro caminham lado a lado. Este período que se diz e quer totalmente novo, deixa-se obcecar pelo passado: memória, história (LE GOFF, 1990, p. 198).

Entre passado e presente, tradição e modernidade, não há ruptura nem compartimentação. Uma volta metódica à memória coletiva e individual é proposta para encontrar os nexos de significação entre tradição e modernidade e passado e presente. O passado tem efeitos no presente através da memória, que é efetiva porque informa práticas de reprodução social e de um ethos cultural.

Esta volta ao passado, pelas tradições, cabe salientar, se dá à luz do presente, pois há uma dinamicidade e movimentos constantes de retomada e reconfiguração, pois,

A memória não é um sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é

uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representação que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1987, p. 17).

A tradição é um constante renovar e reinterpretar o passado, que pode ser recente, como fala Ortiz:

Tradição e passado se identificam e parecem excluir radicalmente o novo. Poucas vezes pensamos como tradicional um conjunto de instituições e de valores que, mesmo de uma história recente, se impõe a nós como uma moderna tradição, um modo de ser (ORTIZ, 1994, p. 207).

A tradição é um processo de reestruturação constante na interação do local com o global, nos conflitos, no multiculturalismo, na relação do tradicional com o moderno, sendo que, na modernidade, são as “culturas híbridas” que redefinem os “conceitos de nação, povo e identidade” (HALL, 2003).

“Será que o desejo por uma tradição é um simples anacronismo ou é um reflexo de uma insatisfação mais profunda com o ambiente que o mundo moderno criou? O que está faltando que tanto buscamos no passado?” (RYBCZYNSKI, 2002, p.27).

“Esta forte consciência da tradição é um fenômeno moderno que reflete um desejo por hábitos e rotinas em um mundo caracterizado por mudanças e inovações constantes” (idem, p.23). Há sempre o desejo em eternizar e manter as origens em contraste com o desejo pelas inovações tecnológicas acenadas pelo mercado de consumo.

Os recortes que constituem a tradição e modernidade são importantes para discutir a construção das identidades, como demarcação de fronteiras e espaços, como referencial de resistência a uma homogeneização, mas sempre em um processo de transformação e hibridação, tanto através das práticas cotidianas individuais, como das relações simbólicas coletivas.

3. A TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS DE MORAR DA FAMÍLIA BRASILEIRA

Pensar o projeto de interiores contextualizado socialmente, historicamente e culturalmente, diante da tensão entre o tradicional e o moderno, nas relações simbólicas coletivas, é uma forma de preservar os valores e referências culturais dos clientes e manter o respeito à tradição e às identidades construídas na vida cotidiana.

Para subsidiar esta contextualização, é importante compreendermos a formação e as mudanças da sociedade brasileira, através da distribuição espacial dos diversos setores funcionais da casa, sob o ponto de vista de segregação sexual, posições socioeconômicas, faixas etárias, comportamentos e preferências políticas e religiosas.

As formas de viver e morar refletem e refratam as relações sociais e culturais dos povos frente às representações do contexto de época. A inserção

no capitalismo e os ideais de modernidade alteram as relações simbólicas e materiais envolvidos nos artefatos domésticos (MENDES, 2005).

Segundo Schapochnik:

Ao percorrer o interior de uma casa podemos acompanhar o enraizamento pessoal, material e afetivo que singulariza cada residência como um microcosmo familiar. A maneira de organizar o espaço disponível que se revela pelo jogo das exclusões e preferências, pela ordem e desordem, pelo visível e invisível, pela harmonia e discordâncias, e a distribuição das diferentes funções diárias (refeições, higiene, recepção, estudo, lazer e repouso) compõem um relato da vida e um teatro de operações no qual se entrecruzam objetos, pessoas, palavras e idéias (1998, p.494).

Segundo Kistmann, os objetos podem adquirir novos significados passando muitas vezes da utilidade para a decoração, estabelecendo outro caráter de legitimidade, outra maneira de estar no mundo. Existe, portanto, uma história dos objetos que mudam de função sendo reincorporados ao cotidiano como objetos da saudade, como referência de uma outra estética, como objetos carregados de significados e lembranças que nos ligam ao passado, à nossa história pessoal, aos nossos valores, que nos referenciam como seres humanos. Objetos aos quais incorporamos um sentido de valor (2001, p.9).

Para Schapochnik (1998) a organização espacial, sobretudo os objetos decorativos, devocionais e funcionais reunidos traduzem com nitidez as diferentes estratégias empregadas na conformação da intimidade e personificação dos ambientes. Esse processo não se restringiu às formas de habitar da elite e de setores da burguesia, apesar de ser dada maior visibilidade a estas classes, devido ao seu poder de adquirir e mudar o mobiliário e objetos decorativos. As marcas da originalidade e o estímulo à individualização percorrem todos padrões de habitação em diferentes classes ou tradições culturais, traduzindo, pela ostentação ou pela simplicidade, pelo luxo ou pela improvisação, as formas de viver e se sentir em casa.

Com relação à forma de morar burguesa, os interiores das moradias sofrem alterações, passando a ter cômodos específicos para cada atividade doméstica, como: sala de estar, jantar, cozinha e quartos. Os móveis dos ambientes refletem estes novos padrões de moradia, se diversificando e tendo funções mais específicas, transformando o local privado da burguesia em um refúgio, em oposição ao local público (MENDES, 2005).

Os setores, social, íntimo e de serviço são vistos ao longo da história de diferentes formas: enquanto no setor social os móveis e objetos têm o objetivo de ostentar as posses e modo de vida de seus moradores, são vistos no setor íntimo e de convívio familiar como apego e uma forma de resguardar a memória da família.

- **A varanda**

Segundo Veríssimo e Bittar (1999), no período colonial, na casa rural, a presença da varanda é uma forma de vigília, controle e refresco para o calor. Os comerciantes vindos da cidade eram recebidos na varanda, longe das alcovas,

onde as moças ficavam em segurança. “A varanda, rural ou urbana, é o principal elemento filtrante do exterior, permeando apenas o que interessa à intimidade da família patriarcal” (p.30).

As varandas se fazem presentes nas mansões e em casas modestas, impondo-se ao voltar a adquirir o papel de filtro, elemento de transição entre o público e o privado.

- **A sala de estar**

A sala de estar é tratada com rigoroso ritual formal. É a transição para o interior doméstico. Deve estar organizada, refletindo o asseio, as posses e a disciplina da família.

Schapochnik (1998) discorre sobre a sala dos casarões como estar formal como uma sala que não serve para a casa, mas sim à sociedade.

Ao longo do tempo, a sala passou por algumas modificações: Com o advento da televisão, recebeu o aparelho e com ele alguns amigos que por falta de condições financeiras tornaram-se freqüentadores assíduos da casa, ganhando com isso espaço em parte da intimidade da família. Depois a televisão ganhou uma sala para ela e a sala de “visitas” voltou a ser sala social em toda sua configuração. Hoje com a diminuição dos espaços, a sala ganha outras funções, tornou-se um espaço híbrido, de convívio familiar e com amigos, acumulando funções repousar/estudar/receber.

- **A sala de jantar**

Segundo Schapochnik (1998), desvinculada da área de preparação dos alimentos, a sala de jantar também foi transformada em palco da representação social. Era um espaço de exibição que simbolizava a coesão e comunhão dos convivas e o respeito às hierarquias.

- **O quarto**

De todos os espaços instituídos nas residências, os quartos foram alçados à condição de templos da privacidade. Schapochnik aponta o quarto com seu mobiliário, objetos e lembranças pessoais como o “esteio da privacidade, os quartos reúnem os suportes materiais para a rememoração dos episódios da existência pessoal” (1998, p. 510).

- **A cozinha**

Dentre estes espaços de morar, a cozinha merece destaque, pelos significados e contradições que apresenta, pois recebeu configurações diferentes, sendo trânsito de raças, classes sociais antagônicas, também carregando questões de gênero, por ser considerada um espaço feminino.

De acordo com Veríssimo e Bittar (1999), no período colonial, a cozinha era a fábrica de comida para atender a imensa família patriarcal, além de visitantes, agregados, empregados e, até mesmo, o contingente escravo. O excesso de calor e fumaça leva a cozinha nos fundos da casa, num puxado, aonde as escravas faziam a comida, longe da casa grande.

Segundo Rial (1992, p.19), em sua análise sobre as residências de três gerações de descendentes de imigrantes açorianos na Lagoa da Conceição em Florianópolis-SC, aproximadamente a partir dos anos 40, os habitantes passam a construir cozinhas afastadas do corpo da casa, denominando-as “ranchos”. São lugares de viver, com o fogão de lenha, fazendo muita sujeira, não são de mostrar: as visitas são sistematicamente mantidas longe deles. Mas é lá que a família cozinha e come, enquanto a peça interna, considerada cozinha de mostrar, permanece intacta.

Com os novos materiais, a cozinha já não precisa ser tão isolada da casa. Ela vai ocupar seu lugar, deve ficar próxima aos quintais, no fundo da casa, porém dentro dela, com acesso fácil à sala de jantar das casas mais ricas ou à copa das casas de classe média.

Rial se refere à cozinha da geração mais nova: “A cozinha com seus novos utensílios integra-se plenamente ao corpo principal da casa. Nela reinam as superfícies lisas e assépticas dos azulejos, os pisos vitrificados e os conjuntos completos de mesa, cadeira e armários. A fórmica recobre quase tudo” (1992, p.21).

Graças a uma valorização dos sentidos, a cozinha mudou de status nos últimos tempos. Em vez de ser um lugar de trabalho pesado, a cozinha hoje é associada à sofisticação. Graças a uma valorização dos sentidos “em vez de ser um lugar de trabalho pesado, a cozinha hoje é associada à sofisticação. O ato de cozinhar para os amigos representa um resgate dos prazeres sensoriais”, diz Lívia Barbosa (GUROVITZ, 2006, p.83).

4. POR UMA CASA ACOLHEDORA E TRADUTORA DE IDENTIDADES

Rybczynski nos leva a pensar sobre o que falta a muitos interiores, belíssima e riquíssimamente decorados, no entanto, praticamente sem aconchego, onde nada pode ser tocado, ou desarrumado, sem vestígios de ocupação humana. Falta a marca dos moradores. E qual o segredo daquelas casas acolhedoras, mesmo as mais simples e modestas, aonde se entra e logo se sente à vontade?

Alguns fatores que tornam um ambiente aconchegante são:

- Acolhimento - espaço abriga valores e sensações importantes.
- Memória - munir-se de referências pessoais.
- Leveza - eliminar o que é desnecessário, proporcionar estímulos para os sentidos.
- Mobilidade - permitir novas configurações.
- Conforto - elementos que propiciem conforto visual, térmico e acústico. Qualidade e emoção.

Um projeto de interiores acolhedor além de contemplar todos os itens citados e as necessidades levantadas para o cliente, deve refletir a identidade de quem vai habitar esse lugar. Um espaço de viver precisa ser agradável e ter personalidade, pois vai contar a história de seus moradores.

A pessoa tem necessidade de sentir-se em casa, por isso deve munir-se de

referências pessoais. Resgatar peças queridas para completar a decoração. Móveis e objetos precisam ter uma função, seja ela prática ou emocional, devem significar algo. O morador deve reconhecer-se em cada objeto.

Guardar as boas lembranças. Colocar em casa móveis e objetos que tenham relação com sua história faz a pessoa se sentir bem. Os móveis e objetos não devem ser escolhidos apenas por razões estéticas. Não abrir mão da herança de família. Quadros e objetos que simbolizem uma união, uma conquista, um nascimento.

Há aqueles que não têm boas lembranças da infância e não querem referência nenhuma em sua casa, formando novas raízes e munindo-se de elementos que no futuro serão suas próprias lembranças a partir dessa casa. Ou os que têm raízes nômades, procurando uma decoração mais minimalista, com poucos objetos e mais contemporânea.

A disposição dos móveis traduz um pouco do que é o comportamento das pessoas no ambiente. Permitir novas configurações. “Os espaços precisam se adaptar a diferentes circunstâncias: ao dia-a-dia, às festas e até ao humor”, comenta o designer de interiores Gustavo Jansen (GUROVITZ, 2006, p.76).

As pessoas precisam se permitir sentir perfumes, texturas e mudar móveis de lugar para tornar o espaço mais aconchegante. Procurar elementos que propiciem conforto visual, térmico e acústico. Usar além de materiais que possibilitem este conforto, elementos que emocionam, por exemplo, uma taça de vinho, um aparelho de chá, um vaso de flores, velas, livros ou imagens...

A casa precisa ter referências que deixem o morador feliz. É o resgate de uma visão de Walter Gropius. Segundo ele, “a arquitetura é a arte da felicidade”. Para quem vive em família, é importante reservar um cantinho para chamar de seu. Isso acontece até nos quartos de casal. “Esse ambiente perdeu a simetria. Cada um escolhe o criado-mudo e a luminária que prefere, agrupa objetos, faz sua pilha de livros. O que se percebe é uma maior expressão da individualidade”, afirma a antropóloga Lívia Barbosa, pesquisadora do Centro de Altos Estudos da Escola Superior de Propaganda e Marketing e professora da Universidade Federal Fluminense (GUROVITZ, 2006, p.82). Ou seja, cada pessoa mostra suas peculiaridades por meio daquilo que escolhe expor.

Outra sugestão é abrir espaço na casa para os pequenos prazeres. Marcelo Tramontano resume: “As casas que mais se parecem com seus donos são aquelas em que as pessoas tiveram a coragem de romper com as plantas convencionais e criar ambientes pensando em suas atividades. Traduzir a vida em verbos e não numa lista de nomes de cômodos” (GUROVITZ, 2006, p.83). Investir no que agrada e desfrutar de um bem-estar enorme em voltar para casa ao fim do dia. Como a vida lá fora não anda fácil, o desejo de ter um espaço gostoso e restaurador só cresce.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com estas percepções sobre as pessoas, o lar, acolhimento e bem viver, ressaltamos assim, a importância do designer de interiores em respeitar as identidades para então preservar o jeito de morar de cada um. Contribuindo não somente com conhecimento técnico, mas planejando espaços únicos que revelem em si quem neles habita.

Segundo definição do ICSID³, o Design é “uma atividade criativa que objetiva estabelecer qualidades multifacetadas dos objetos, processos e serviços, e de seus sistemas em ciclos de vida completos, sendo o design fator central da inovação humanizada das tecnologias e fator crucial das trocas ou intercâmbios culturais e econômicos...” [tradução livre].

A atividade de design de interiores é relativa à configuração de produtos que mediam as relações sociais, tanto do pronto de vista funcional, quanto comunicativo.

Diante deste cenário, propor uma reflexão sobre as práticas, experiências, e estratégias mais adequadas para o desenvolvimento de projetos de interiores com as contribuições do design dentro deste processo, transforma-se em um desafio de grandes proporções que somente poderá ser afrontado se eliminarmos a pretensão de esgotar o tema.

Nosso intuito é apenas contribuir com algumas idéias, e a partir de experiências diferenciadas, abrir uma ampla discussão que possa, por sua vez, apontar alternativas viáveis e exequíveis para futuras intervenções nesse âmbito, isto é, preservando os valores e referências culturais, adequando os projetos às demandas e expectativas do cliente e traduzindo sua identidade.

As considerações desenvolvidas ao longo deste trabalho podem contribuir para os designers refletirem, compreendendo os artefatos como produções culturais, intrinsecamente relacionados aos costumes e crenças de grupos sociais. Assim, projetar um ambiente toma uma dimensão bastante complexa. As preocupações do designer precisam ser estendidas além da viabilidade formal, material e funcional, passando a considerar também práticas e valores socialmente construídos e compartilhados. Para tanto, os projetos devem ser pensados em relação aos seus contextos de uso e as relações de mútua influência entre os artefatos e as dinâmicas sociais, que não podem deixar de ser levadas em conta.

Não podemos deixar de pensar em Semiósis, isto é, quando recebemos a linguagem do mundo, em nossa mente ocorre o pensamento que representa, substitui através da operação mental com o que já foi aprendido. Nossa mente interpretante traz a imagem mental, isto é, o significado que damos ao mundo. Muitos significados são subjetivos, particulares, e são eles que devem ser respeitados pelo designer em sua busca pela identidade do cliente.

³ International Council of Societies of Industrial Design.

Fonte: http://www.icsid.org/about/Definition_of_Design. Disponível em 03/08/2006.

Resgate do passado no presente, projetando as formas do futuro, sem descuidar das novas situações que vão agregando aprendizado e contribuindo para novas formas de construção de pensamento.

Tudo o que a casa almeja é a mirada agradecida do dono, que lhe reconheça a serventia. Quem, senão ela, garante-lhe a intimidade amorosa, a exaltação dos sentidos, o calor que emana das entranhas dos seus tijolos.

Nélida Piñon

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FINOTTI, Marcelo Abib. *Estilo de vida: uma contribuição ao estudo da segmentação de mercado*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GUROVITZ, Lúcia Santos. O que é essencial numa casa. In: *Revista Casa Claudia*. São Paulo: Abril, ano 30, nº05, 2006.

HABERMAS, Junger. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALL, Stuart. *Da diápora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG / Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

ICSID - The International Council of Societies of Design Societies
http://www.icsid.org/about/Definition_of_Design. Disponível em 03/08/2006

KISTMANN, Virgínia S. de C. B. *A caracterização do design nacional em um mercado globalizado: uma abordagem com base na decoração da porcelana de mesa*. Florianópolis, 2001. 236 p. Tese de doutorado – Programa de pós-graduação em engenharia da produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: UNICAMP, 1990.

MARINS, Paulo Cezar Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópolis brasileiras. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V3.

MENDES, Mariuze Dunajski. *A fragmentária história da fábrica de móveis Martinho Schulz: tradição e modernidade na produção artesanal com fibras de Curitiba*. Dissertação de Mestrado do PPGTE, CEFET PR, 2005.

MENDES, Mariuze Dunajski E QUELUZ, Gilson Leandro. Design e artesanato: reflexões sobre uma abordagem não reificadora nas pesquisas e interações com as comunidades. In: *Design e cultura*. Curitiba: Sol, 2005.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar. A essência da arquitetura. *Arquitextos* n°. 156, out. 2002. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp156.asp>. Disponível em 17/07/2006.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUELUZ, G. e QUELUZ, M. Memória, modernidade e tecnologia. In: *Memória e Modernidade: Contribuições histórico-filosóficas à educação tecnológica*. Curitiba: CEFET-PR, 2000.

RIAL, Carmen. Da casa de antigamente à casa decorada. In: *Revista Ciência Hoje*, julho de 1992.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma idéia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Marinês R. dos. Design e cultura: os artefatos como mediadores de valores e práticas sociais. In: *Design e cultura*. Curitiba: Sol, 2005.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V3.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador & BITTAR, William Seba Mallmann. *500 anos da casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.